



A geografia cultural brasileira a partir de

Memórias Póstumas de Brás Cubas

*Allana Ferreira Faustino de Souza*¹, *Edimilson Antônio Mota*², *Sandra Márcia da Cruz Gomes Nogueira*³

Resumo: O presente trabalho objetivou-se em analisar e discutir as questões sociais, multiculturais, raciais e espaciais a partir de uma literatura brasileira clássica, o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881, escrito pelo autor Machado de Assis. Dessa forma, possibilita uma leitura da cidade do Rio de Janeiro do século XIX, acrescentado ao valor de estudar as artes no âmbito científico da Geografia. A arte literária foi transformada em objeto de estudo para a pesquisa geográfica, uma vez que, em *Memórias Póstumas* encontra-se presente uma rica descrição realista do meio urbano e dos lugares narrados.

Palavras-chave: Geografia, Literatura, Multiculturalismo.

1. Introdução

A diversidade cultural brasileira é enorme e, por isso, há um grande leque de estudo para os geógrafos que pretendem estudar a temática cultural. Diante disso, temos a literatura como uma grande contribuinte para as realizações das pesquisas culturais geográficas. Surge, portanto, alternativas para compreender, interpretar e discutir o espaço. Esse último é visto da seguinte forma para o geógrafo Milton Santos: "o espaço é o sistema de valores que se transformam permanentemente" (2002, p.104) de acordo com as forças, necessidades e desejos da humanidade. Uma nova ponte para a realização dessa tarefa é a busca pela crítica e pelos

¹Graduanda de Licenciatura em Geografia da UFF-PUCG, bolsista do Programa Institucional de Iniciação a Docência (PIBID) ² Doutor em Educação (UFRJ), professor coordenador do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) ³ Professora supervisora do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID)

discursos presentes na literatura.

A união entre geografia e literatura permite a reflexão, tanto em relação à crítica social, quanto em relação ao que está em jogo no discurso da representação do espaço e dos lugares. E é nesta direção que o presente trabalho objetiva analisar e discutir a geografia cultural brasileira por uma literatura brasileira clássica, o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881, escrito pelo autor Machado de Assis; colocando em relevo para discussão as questões sociais, multiculturais, raciais e espaciais que permeavam o século XIX, no Rio de Janeiro, usando como método o uso de bibliografias que contribuíram para a realização da pesquisa.

O seguinte trabalho é resultado de uma pesquisa qualitativa que tem como objeto de estudo as informações sobre a condição humana: os estilos de vida, as características sócio-culturais, econômicas e históricas de um determinado lugar retratado em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Nesse sentido, faz o uso do *bricoleur* como abordagem metodológico e teórica, que parafraseando com Kincheloe:

"Os bricoleurs entendem que a interação dos pesquisadores com os objetos de suas investigações é sempre complicada, volátil, imprevisível e, certamente, complexa. Essas condições descartam a prática de planejar antecipadamente as estratégias de pesquisa. Em lugar desse tipo de racionalização do processo, os bricoleurs ingressam no ato de pesquisa como negociadores metodológicos. Sempre respeitando as demandas da tarefa que tem pela frente..." (2007, p.17).

Pode-se perceber que a bricolagem une o pesquisador a sua metodologia. Sendo assim, este artigo segue a partir de quatro momentos: no primeiro, revela a ligação da literatura no campo científico da Geografia e a contextualização da obra literária estudada; segundo, a literatura analisada geograficamente a partir dos temas raça e multiculturalismo; o terceiro momento é direcionado para o resultado e discussão da pesquisa

2. Literatura e Geografia

2.1 A geografia cultural e a literatura

Com o efeito da revolução darwiniana no século XIX, a investigação com temáticas ligadas ao homem e o meio, tornou-se central para as pesquisas geográficas. Neste contexto, o geógrafo alemão Frederick Ratzel, após uma viagem nos Estados Unidos, escreveu uma obra sobre a geografia norte-americana intitulada como *A geografia cultural da América do Norte com a ênfase voltada especialmente para as suas condições econômicas (1880)*, em que o termo geografia cultural aparece pela primeira vez nos estudos geográficos.

Segundo Claval (2007), o Ratzel com intuito de estudar a essência dos povos e a sua mobilidade), ou seja, as técnicas que asseguram o desenvolvimento social ao meio, que é visto como dependente tanto da história quanto do seu nível de desenvolvimento, atribui a cultura uma visão de aproveitamento do ambiente e a facilidade para o deslocamento, ocorrendo o limite do que é considerado como cultura em relação a sua origem e a sua linguagem, passando a ser observada apenas como artefato material. Para Claval, " a geografia concebida por Ratzel atribui um lugar importante aos fatos culturais, porque se vincula aos meios de aproveitamento do ambiente e àqueles estabelecidos para facilitar os deslocamentos."(2007, p.22). Em seguida o conhecimento sobre cultura e geografia aprofundado por Carl Sauer, em 1925, trabalhou por uma geografia cultural mais abrangente, mesmo que fosse tentada para o lado naturalista alemão. Como considera Claval:

"Sauer vê a cultura, primeiramente, como um conjunto de instrumentos e de artefatos que permitem ao homem agir sobre o mundo exterior, mas vai mais longe que eles: a cultura é também uma associação de plantas e de animais que as sociedades aprenderam a utilizar para modificar o ambiente natural e torná-lo mais produtivo." (2007, p.31)

A segunda fase da geografia cultural é constituída entre 1940 a 1970, em que é colocada em prática no primeiro momento a geografia regional hartshorniana e, logo depois, a revolução teórico quantitativa. A 2ª Guerra Mundial e a expansão capitalista -modificando o espaço e ofuscando as culturas tradicionais-impulsionaram o surgimento e a valorização dos estudos com perspectivas pragmáticas que abordavam culturas tradicionais de âmbito locacional.

Contudo, foi com grande influência da corrente da geografia humanística norte-americana e com seus trabalhos voltados para fenomenologia, a partir de 1970, que a geografia cultural passou a considerar fortemente os significados e valores humanos associados à cultura e concebidos nas categorias geográficas como paisagem e lugar.

No Brasil, a geografia cultural chega por volta de 1930, com o geógrafo francês Pierre Deffontaines, porém, demorou a obter notoriedade, mesmo com a grande renovação da geografia cultural americana dos anos 70. O Brasil só passou a desenvolver pesquisas geográficas culturais com o lado social renovado como dos norte-americanos a partir de 1990, com os trabalhos dos geógrafos Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa.

É de grande relevância a busca de novas fontes para as pesquisas, levando em consideração a inserção da literatura, a ideia de resgatar a geografia em romances, contos e poesias. A literatura já é vista como um documento social, que

para Claval:

"[...] o romance torna-se algumas vezes um documento: a intuição sutil dos romancistas nos ajuda a perceber a região pelos olhos dos personagens e através de suas emoções. Os trabalhos sobre o sentido dos lugares e sobre aquilo que literatura ensina a este respeito são numerosos no mundo anglo-saxão desde o início dos anos 1970." (1999, p.55)

As obras literárias podem ser estritamente geográficas. Como os escritos são referentes aos lugares precisos, possuem conteúdos vinculados à paisagem, ao conteúdo humano e ao social; e ao epistemológico, pois o leitor reflete sobre os sentidos dos lugares e suas representações.

A Geografia Cultural considera tanto a dimensão material da cultura como a sua dimensão não material, tanto o presente como o passado, tanto objetos e ações em escala global, como o regional e local, tanto aspectos concebidos como vivenciados, tanto espontâneos como planejados, tanto objetivos como intersubjetivos. Como é destacado por Olanda e Almeida:

"Essa nova Geografia Cultural estruturou-se aderindo e incorporando em si elementos da Fenomenologia e da Hermenêutica. Elegeu cultura, lugar, territorialidade paisagem, representação e significado como categorias importantes que lhe dão reconhecimento e particularidade próprias."(2008, p.20)"

Essa experiência espacial que precisa ser interpretada pode tomar como ponto de partida para investigação os escritos literários, pois ela revela a experiência humana, são reflexões que possuem reconhecimento geográfico e, que são intensificadas a partir da estrutura literária. Como afirma Lima:

"Muitas manifestações nacionais no campo das Letras estão impregnadas do que poderíamos chamar de caráter geográfico, ao relatarem os estilos de vida, as características sócio-culturais, as estruturas econômicas, agrárias, como a diversificação do meio físico do país através dos diferentes momentos de sua história." (2002, p.19)

Durante o século XIX no Brasil, as categorias de artes literárias que se sobrepuseram foram o romance e a poesia. O romance possuía a tradicional técnica literária, na sua produção, com grandes tendências em difundir o nacionalismo, mas com certas "pitadas" eurocêntricas, passando assim, a serem avaliadas e criticadas por grandes autores, daquela época, que desejavam diluir nos escritos literários a realidade social brasileira do momento.

"[...] a mais apreciada é o romance, como, aliás, acontece em toda a parte, creio eu. São fáceis de perceber as causas desta preferência da opinião... Não se fazem aqui (falo sempre genericamente) livros de filosofia, de

lingüística, de crítica histórica, de alta política, e outros assim, que em alheios países acham fácil acolhimento e boa extração; raras são aqui essas obras e escasso o mercado delas [...]" (Assis, 1994, p.1)

2.2 Identidade nacional, literatura brasileira e Machado de Assis

A partir da Revolução Francesa e com a chegada da corte ao Brasil, o sentimento nacionalista passou a ser visto com mais clareza, através das lutas contra os ideais absolutistas, e, sobretudo, da formulação do discurso amplo contra os privilégios de um grupo em detrimento do outro, que usava como justificativa para realizações domínios e intervenções de outras nações, e que contribuíram para a formação do imperialismo no Brasil.

A corte portuguesa aportou em 1808 na Bahia e em seguida transferiu-se para o Rio de Janeiro. Não obstante, a independência colonial fez surgir uma metrópole, sendo assim, a escolhida cidade do Rio de Janeiro passou não somente por uma transformação urbana para lidar com a nova condição de renovar o papel de reino. Ergueu-se, também, a formação de uma nova estrutura administrativa para governar o império brasileiro e também para formar uma cultura nacional, conceituada como grupo social integrado, com padrões de conhecimento, valores e crenças comuns, como afirma Ludwig Lauerhass (2007, p.15) e como considera Mendes:

"[...] as relações entre conteúdos culturais exprimem as relações de força entre os grupos que os produzem e sustentam. Nas sociedades estruturadas pelo antagonismo de classe, e onde a luta pela supremacia na super-estrutura ideológica é constante, uma cultura dominada é a cultura de um grupo que não consegue senão identificar-se com os conteúdos culturais produzidos pelo grupo que o domina, interiorizando-os como igualmente seus. A relação é do mesmo tipo que a existente entre colonizador e colonizado." (2010, p. 27)

Foi criado no mesmo ano, o Museu Real, com o intuito de "[...] estimular os estudos de botânica e zoologia no local" (SCHWARCZ, 2002, p. 256). Inicia-se, portanto, uma investigação sobre a geografia brasileira, a busca científica e das artes, essa última para mostrar o lugar a partir das relações do sujeito com o ambiente de vivência. Desta maneira, para tais realizações foi preciso certa importação: a missão artística francesa, a importação de grandes artistas franceses. Foi decorrente a esse evento que a arte brasileira começou a dar a "cor" ao local, mas com grande influência européia, e se desenvolveu intensamente no Rio de Janeiro, local de grande efervescência dos acontecimentos políticos e sociais. Período em que Lauerhass (2007, p.18) identificou como "[...] uma permanente

inteiração entre textos estrangeiros e brasileiros sobre o tema identidade nacional".

O nacionalismo se estabeleceu, formando a identidade de um povo, identificou e ergueu tradições, conjuntos de rituais e símbolos, nos quais fundamentaram condutas e práticas. Contudo, colocou-se em execução a identidade de um sujeito sociológico, formado pela relação entre a mediação do sujeito com os valores e símbolos da cultura local, que segundo o sociólogo Stuart Hall (2005, p15): "A identidade, então, costura o sujeito á estrutura. Estabilizando tantos os sujeitos quantos os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis."

Foi decorrente a isso que a formação literária brasileira durante a maior parte do século XIX, quando muitos dos escritores românticos buscavam construir o Brasil, enquanto nação, trazendo em seus escritos os traços locais estruturados sem a crítica, como foi ressaltado por Machado de Assis anteriormente. Como exemplo desse fato temos o escritor José de Alencar, que procurou estabelecer essa tradição nos seus escritos, realçando em suas obras a vivência de personagens indígenas com os colonizadores, a exaltação do passado lendário, e a idealização da natureza, uma realização do que segundo Benedict Anderson (2008, p.32), definiu a nação como "[...] uma comunidade política imaginada - e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana.". Uma estrutura horizontal que fortaleceu a produção do "tradicionalismo" na literatura

Em 1873 foi publicado um texto titulado como "*Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade*", escrito por Machado de Assis a pedido de jornalistas brasileiros que moravam em Nova York, o autor esboçava a situação da literatura brasileira e a necessidade de mudança para uma literatura que revelasse a contemporaneidade, como relata a seguir:

"Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro... Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional...não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo... tempos, conviria examinar se possuímos todas as condições e motivos históricos de uma nacionalidade literária; esta investigação (ponto de divergência entre literatos), além de superior às minhas forças, daria em resultado levar-me longe dos limites deste escrito. Meu principal objeto é atestar o fato atual; ora, o fato é o instinto de que falei, o geral desejo de criar uma literatura mais independente." (ASSIS,1994,p.1)

O autor não se colocou contra aos elementos literários nacionais que vinham sendo abordados nos escritos, mas fez crítica a colocação de elementos nacionais na produção de romances, e defende a compreensão motivações e sentimentos humanos característicos da cultura. Foi nessa perspectiva que a literatura ganhou maior mobilidade dentro da realidade vivida durante o século XIX, e assim, levou em consideração o espaço e o tempo do leitor, trazendo a identidade social do brasileiro contemporânea daquela época com mais força, e além de tudo, incluindo críticas fundamentadas em filosofias.

A primeira publicação que traz e afirma esse grande desejo de modernidade de transformação de alguns literários, veio da obra em que este artigo analisa. Em Memórias Póstumas de Brás Cubas, o autor realiza seu grande desejo de criar uma literatura independente e saindo do romance usual. A obra ganhou ferrenhos críticos como Capistrano de Abreu e Urbano Duarte, mas também foi enaltecida e defendida pelo grande autor Mário de Andrade. Entre admiradores e detratores, o que é certo dizer é que a obra machadiana impactou o Rio, não sendo vista somente como uma ficção romântica. Foi certamente uma bússola para que a literatura realmente se encontrasse no século XIX e relatasse o espaço com certa criticidade, pois, Machado revelou a vida social, política e multicultural do Rio de Janeiro.

O conceito de multiculturalismo, “uma atitude valorativa, traduzida, ou não, em militância cultural ou em acção política, e que se exprime na defesa dos benefícios da diversidade cultural e da multiculturalidade” (MENDES, 2010.p.35), foi ganhando poder durante a metade do século XIX com o Brasil ainda escravagista. O termo entra em evidência a partir do combate ao pensamento racial eurocêntrico que permeava na ciência de cunho positivista, como a teorias darwinista social que era colocado em execução na sociedade, após ganharem valor e estruturarem-se, como considera Mota:

“Raça é uma velha categoria, usada desde a Antiguidade, com fins de descrever geografias sobre os diferentes povos e suas identidades no mundo, discriminando-os por região e classificando-os em caucasianos, africanos, ameríndios, melanésios – ou bem como pela cor da pele: branca, preta, parda ou amarela. Na metade do século XIX, este conceito foi reconhecido como uma pseudociência. Todavia, no século XX, a biologia abandonou o seu uso como marcador determinante na classificação da população, e, com isso, raça perdeu o status de ciência, desde então (MUNANGA, 1999, p. 21).” (2015, p.15)

No entanto, Machado em sua evolução literária, Memórias Póstumas, deixa uma crítica e com certo tom de ironia ao positivismo, darwinismo e ao legado de Buffon - naturalista, desenvolveu concepções sobre a diferenciação da espécie

humana-, como por exemplo: "...e eu perguntava a mim mesmo o que diriam de nós os gaviões, se Buffon tivesse nascido gavião... Era meu delírio que começava."(ASSIS, 1992, p.25). Essa citação foi exposta no final do capítulo VI iniciando capítulo VII Delírio, capítulo esse que busca ressaltar, de forma filosófica e bem fictícia, o desenvolvimento da humanidade em relação a natureza , a Pandora .

Além do mais, Machado deixa presente em sua obra a diferença acirrada entre classes sociais, identidade do negro durante a escravidão, dos grandes privilégios burgueses e da necessidade em afirmar tal identidade, de certas influências religiosas e da mulher; podendo assim, obter uma visão das identidades multiculturais e a fusão social do século XIX.

2.3 Conhecendo Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) nasceu no morro do Livramento no Rio Janeiro, neto de escravos alforriados. Filho de um pai carioca pintor e com a mãe imigrante portuguesa. Machado de Assis teve uma vida de um autodidata, oriundo de família pobre, não pode frequentar regularmente a escola, porém, devido a seu enorme interesse por literatura, conseguiu se instruir por conta própria inicialmente. Foi um escritor nato, tornando-se um literário e eleito o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras.

Machado foi bastante criticado por não colocar em ação um lado político e uma certa militância literária sobre as questões raciais e foi taxado como preconceituoso, como homem descendente de negro - e negro, de fato.- que viveu no mundo dos brancos, o que facilitara o seu sucesso e reconhecimento na literatura, como classifica Romero "um brasileiro de regra, um nítido exemplar dessa sub-raça americana que constitui o tipo diferencial de nossa etnografia" (1992, p.66-67 *apud* SCARPELLI,2008 , p.60). Contrapondo a essa idéia formada e tão repercutida sobre Machado :

" [...] o universo humano, social, cultural e nem sempre está explícito ou pleno, aparecendo em fragmentos, de forma recôndita ou sublimada. Nas palavras dele, "o tema da negritude ou negrícia, estaria [em tais autores] implícito, subjacente, decantado" (IANNI, 1988, p.32)." (SCARPELLI, 2008, p.62).

A caminhada de Machado de Assis como escritor foi marcada por duas fases que possuem características distintas e bem definidas, a fase romântica e a fase realista, ambas foram marcantes para a literatura brasileira. Na primeira fase, a romântica, suas obras possuem características românticas comuns, crenças nos valores da época, foram colocados em exaltação os temas como o amor e os relacionamentos amorosos, um exemplo é a obra *Ressurreição* (1872). A segunda,

a fase realista, em que Machado de Assis apresenta análises dos valores sociais e questões psicológicas dos personagens, tendo como a primeira obra literária com essas características o romance realista Memórias Póstumas de Brás Cubas. Para melhor definir e distinguir as diferentes vertentes de literárias que possuíam estilos e estéticas próprias, o geógrafo Rodrigo Carvalho afirma que:

"Na literatura, os escritores realistas desejavam retratar o homem em sua totalidade com base nas teorias científicas vigentes em seu tempo. Em contraposição ao romantismo, que esbanjava a face sonhadora e idealizada da vida, os realistas acreditavam na necessidade de se retratar o cotidiano massacrante, o egoísmo, a miséria e a impotência humana. A origem do naturalismo se confunde e depende da origem do realismo, linha de frente contra a estética romântica." (CARVALHO, p.110)

2.4 Conhecendo a obra e sua relação com o lugar (Rio de Janeiro)

Memórias Póstumas se passa no âmbito urbano, com a maior da obra situando-se espacialmente na cidade do Rio de Janeiro, em um período de grandes transformações na sociedade brasileira, com a chegada da família real portuguesa; com a independência do Brasil, em 1822. Além disso, o final do século XIX é marcado pelo avanço da ciência, e também, pela criticidade social que começava aparecer sobre as temáticas como escravidão, política, religião e privilégios burgueses. Essas críticas também são relativizadas pelo personagem principal.

Não existe uma linha cronológica das narrativas como ocorre de costume nos romances tradicionais. Essa característica foi uma surpresa do autor para a inauguração do realismo. O livro é uma autobiografia do personagem que é contada a partir de sua morte. A narrativa principia pelo fim, ou seja, pela sua morte; depois retoma o curso normal, expondo o nascimento, a adolescência, maturidade e velhice. Sendo assim, os relatos das memórias de Brás, ocorrem dentro de um tempo psicológico, vivenciado durante 1805 á 1869.

"Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo." (ASSIS,1992, p.13)

2.5 Geografias em Memórias Póstumas

Ressaltaremos aqui, narrações que abordam temáticas como raça e escravidão, classe social e o cotidiano do Rio, características do lugar que Brás revela, e que possui aspectos geográficos ligados a interface multicultural e

expressões do século XIX fincadas no espaço. Segundo Tuan (1983), a experiência abrange as diferentes maneiras através das quais a pessoa conhece e constrói a realidade. O autor também considera que é possível analisar o lugar através de experiência da seguinte forma: direta e íntima, por exemplo, estando presente e construindo relações e significados com o lugar; e de forma indireta e conceitual, mediada por símbolos, como um geógrafo que estuda um lugar apenas conceitualmente; como é o caso destas análises feitas na obra de Machado, em que esboça a constituição dos lugares relatados, apresentado o Rio do século XIX.

▪ *A questão escravagista e racial:*

“Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos.”
(ASSIS, 1992, p.36)

Podemos perceber, no capítulo XI / O menino é pai do homem, claramente que as travessuras do pequeno Brás cubas não é simples resultado da graça da idade. Para a realização da ação citada acima, existe um jogo de identidade que se manifesta e impulsiona a liberdade atribuída a Brás para fazer o que lhe achou "divertido". Os sujeitos identitários, tratam-se de uma criança que vem de um berço burguês e uma simples escrava, entre tal interação surge a relação de poder, no caso o poder do pequeno Brás sobre a escrava que permite agir da forma atuou. Além disso, não deixemos de observar que a identidade de escrava e de ser submissa já apresentada ao Brás desde pequeno. Dando seguimento, outro exemplo está presente ainda no capítulo XI:

"Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — “ai, nhonhô!”— ao que eu retorquia: — “Cala a boca, besta!”— ... ”
(ASSIS, 1992, p.37)

Neste trecho, a presença da identidade é empregada fortemente. O escravo Prudêncio possui uma identidade que é subjulgada como inferior a identidade do Brás e, mesmo tendo uma idade próxima a do senhorzinho ("nhonhô"), ele possui uma diferença que é fundamentada e que o coloca na posição de submissão, e

perde a principal identidade de também ser criança, transformando-o realmente em um brinquedo para o Brás. Como sinaliza Tomaz Tadeu, sobre o processo de exclusão fundamentado na identidade e diferença formado socialmente :

"A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer "o que somos" significa também dizer "o que não somos". A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre "nós" e "eles". Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. "Nós" e "eles" não são, neste caso, simples distinções gramaticais."(2000, p.3)

Essa divisão social excludente é um processo de classificação, compreendido pelo dividir e ordenar, através dos símbolos o mundo social em grupos e em classes. A identidade e a diferença estão relacionadas nessa produção social e , ainda utilizam tais classificações para hierarquizar e atingir diversos campos da vida social, como é visto em relação a escravidão, da hierarquia do branco sobre o negro construída biologicamente, psicologicamente e socialmente. No exemplo a seguir , temos a identidade negra submetida a escravidão, com grande participação na economia brasileira, através do tráfico negreiro, capítulo XII / Um episódio de 1814:

"Um sujeito, ao pé de mim, dava a outro notícia recente dos negros novos, que estavam a vir, segundo cartas que recebera de Loanda, uma carta em que o sobrinho lhe dizia ter já negociado cerca de quarenta cabeças, e outra carta em que... Trazias justamente na algibeira, mas não as podia ler naquela ocasião. O que afiançava é que podíamos contar, só nessa viagem, uns cento e vinte negros, pelo menos."(ASSIS, 1992, p.43)

Segundo Bhabha (1998) a vida cotidiana colonial exhibe uma constelação de delírios que rodeiam as relações sociais de seus sujeitos; como revela Fanon (2008, p.66) "o preto escravizado por sua inferioridade, e o branco escravizado por sua superioridade, ambos se comportam de acordo com uma orientação neurótica.". Para o autor, tais representações neuróticas alienantes do governo colonial, distorce o contorno do homem, rompe sua fronteiras e repete sua ações no mundo racista, através da violência política e psíquica fundamentada na sociedade. Abaixo está exposto o capítulo LXCVIII / O vergalho, para mais uma análise:

"... Interrompeu-mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na

praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras:
— “Não,
perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas o primeiro não fazia
caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.
— Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!
— Meu senhor! gemia o outro.
— Cala a boca, besta! replicava o vergalho.
Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada
menos que o meu moleque Prudêncio, — o que meu pai libertara
alguns anos antes...Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das
pancadas recebidas, — transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o,
punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e
sofria.”(ASSIS, 1992, p.136)

Esse exemplo é rico na abordagem da identidade, da diferença e da questão racial. Em Prudêncio está fortemente estendido a um artifício do homem branco sobre um ex-escravo, o que traz a tona uma nova identidade. Bhabha (1998) ressalta que esse tipo de identidade que surge “é sempre o retorno de uma identidade que traz a marca da fissura racial no lugar do Outro de onde ela vem.” (p.77). A liberdade de Prudêncio coloca-o em uma posição superior ao seu escravo, esse desejo de vir a ser um senhor e obter um escravo, é fruto de uma violência psicológica e física que ele recebeu quando estava na posição de escravo, a saída para que ele não volte a ser tratado da forma escrava e mostre a sua atual posição de alforriado. Sobre a relação de poder e a violência que foi abordada nas análises anterior, podemos entender melhor como, segundo Arendt:

“O "poder" corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo de um indivíduo; pertence a ele a um grupo...A "força", que usamos frequentemente no linguajar diário como sinônimo de violência, especialmente quando a violência é usada como meio de coerção... A "violência", distingue-se por seu caráter instrumental”. (1985: 24-5 *apud* SOUZA,2013.p.80)

Através dessas memórias podemos perceber o quanto Machado revelou o Brasil racial e escravagista do século XIX. Raça como categoria construída socialmente e politicamente, com relação de poder que se estendeu não somente ao pensamento racial, mas a economia, a psicologia social e as instituições sociais.

- *Classe social*

Destacaremos a seguir o privilégio burguês e a diferenciação de classe social brasileira no século XIX. Analisamos, anteriormente, a relação de poder e o privilégio do homem branco e burguês sobre o escravo e as condições escravagistas. O que

será posto agora, são relatos de Brás que anunciam o privilégio da classe burguesa na sociedade, levando em consideração a renda, o status financeiro.

"[...] não posso dizer nada do meu batizado, porque nada me referiram a tal respeito, a não ser que foi uma das mais galhardas festas do ano seguinte, 1806; batizei-me na igreja de São Domingos, uma terça-feira de março, dia claro, luminoso e puro..." (ASSIS, 1992, p.35)

Brás depois de narrar a sua morte, ele relata o início de sua vida, no capítulo X / Naquele dia. Não deixa de dizer que foi um burguesa com privilégio desde o momento em que nasceu, pois foi recebido com grandes festa e visitas de senhores importantes, o que nos deixa a refletir a sua posição privilegiada na classe social. A seguir, Brás relata as vantagens de, na adolescência, poder usufruir do dinheiro do pai para conquistar seu primeiro amor, a Marcela; relatado no capítulo XVII / Do trapézio e outras coisas:

"[...] Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil." (ASSIS, 1992, p.54)

Dando continuidade ao capítulo, Machado coloca mais um atributo que era exercido na sociedade burguesa em relação a formação profissional. Os filhos eram sempre orientados para uma profissão que remetesse a alta classe como padre, direito, medicina e política. E para a concretização, eram levados a terem a formação fora do Brasil, e então, eram encaminhados para a grande Europa; como foi o Brás para a cidade de Coimbra, bacharelar-se em direito. Esta decisão sobre a escolha da formação profissional ainda coexiste no Brasil do século XIX, em que a elite busca cursar medicina, direito ou engenharia

"— Desta vez, disse ele, vais para a Europa; vais cursar uma Universidade, provavelmente Coimbra; quero-te para homem sério e não para arruador e gatuno."(ASSIS, 1992, p.54)

Outro aspecto que remete a diferenciação de classe social é a quantidade de propriedade que a burguesia possuía enquanto a classe inferior (comerciantes, artesãos e escravos alforriados). Capítulo XXV / Na Tijuca:

"No sétimo dia, acabada a missa fúnebre, travei de uma espingarda, alguns livros, roupa, charutos, um moleque, — o Prudêncio do capítulo XI, — e fui meter-me numa velha casa de nossa propriedade, na Tijuca."(ASSIS, 1992, p.72)

Com as observações feitas anteriormente podemos perceber o quanto Brás nos revelou em Memórias Póstumas, colocou em jogo não só essas temáticas

analisadas, mas também a filosofia, a ironia e a concretização de um grande trabalho que ele mesmo o desafiou.

3. Considerações Finais

A obra machadiana contribui muito para os estudos geográficos culturais. Contextualizar as literaturas brasileiras para a geografia é um novo desafio de trabalhos que vem surgindo e, além que podem ser obtidas e refletidas geograficamente, faz parte de grandes escritores nacionais que merecem reconhecimento por terem abordado a realidade de época distante para nós e colocado em discussão as questões sociais que presenciavam. Por isso, devemos considerar também, que não são apenas romances literários que são valiosos para os estudos acadêmicos, temos também, Consideramos que isto também é valioso não apenas nas análises os contos, os poemas e as crônicas.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa relacionada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), por isso, as análises não ficaram apenas no âmbito de um simples artigo apresentado a instituição acadêmica com todo rigor científico, teve uma continuidade em que as análises geográficas culturais sobre a obra foram transformadas em instrumentos para serem abordadas em sala de aula, ou seja, na instituição escolar de ensino. Nessa perspectiva, os relatos de Brás e a geografia andarão juntos como material pedagógico para conteúdos relacionados a população brasileira, além de colocar em ação a Lei 10.639/03 que tornou essencial o ensino de da história da África e da cultura afro-brasileira no currículo escolar. "Esta lei tem por finalidade a construção de uma educação contra o racismo estrutural e a redução do seu efeito, que ainda revela desrespeito, estereótipos, ideologias e xingamentos contra o negro." (MOTA, 2015,p.175).

Reconhecer a geografia na literatura machadiana é reconhecer o Rio de Janeiro, o Brasil do século XIX. É aprender um pouco com Machado de Assis a ironizar e criticar o nosso cotidiano, e tê-lo em consideração como um dos maiores autores brasileiros.

"Vida é luta. Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal." (ASSIS, 1992, Capítulo CXL)

1. Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASSIS, Joaquim M. Machado de. **Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade**. *Obra Completa* de Machado de Assis, Rio de Janeiro: Nova Aguilar,

vol. III, 1994. Publicado originalmente em *O Novo Mundo*, 24/03/1873

ASSIS, Joaquim M. Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Abril Cultural, 1992.

BHABHA, Homi k. **O LOCAL DA CULTURA**. Belo Horizonte. Ed:UFMG, 1998.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

FANON, Frantz. **Pele negra mascaras brancas**/Frantz Fanon .Tradução de Renato da Silva. -Salvador : EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. **Identidade em questão**. 2005

KINCHELOE, Joe; BERRY, Kathleen. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LAUERHASS, Ludwig. **Brasil uma identidade em construção**. 2007

LIMA, Solange. **Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a percepção da Paisagem**. Florianópolis, 15, nº 30, jul/dez, 2000

MENDES, J. **Cultura e multiculturalidade**. Escola Superior de Teatro e Cinema 1a Ed.2010

MOTA, Edimilson A. **O LIVRO DIDÁTICO: DO DETERMINISMO GEOGRÁFICO DE DELGADO DE CARVALHO À EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**. TERRA LIVRE – N. 45 (2): 174-196, 2015

SANTOS, Milton. Técnica, **Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico - científico/ Milton Santos**. 5.ed.- São Paulo: ed- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo 2008.

SCARPELLI, M. **MACHADO DE ASSIS: ENTRE O PRECONCEITO, A ABOLIÇÃO E A CANONIZAÇÃO**. matraga, rio de janeiro, v.15, n.23, jul./dez. 2008

SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras.2002

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Marcelo L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**.1ed - Rio de Janeiro:Bertrand Brasil , 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar : a perspectiva da experiência**.São Paulo : DIFEL,1983.

